

A Palavra, a Polissemia, o Texto

Wilson Cadoná¹

• *Introdução. 1. Os lingüistas e a polissemia. 1.1 - Exposição de Pierre Gitirard. 1.2 - Eni Pulcinelli Orlandi. 1.3 - Silrio Possenti. 2. Uma metodologia de análise da polissemia contextual. 2.1 - Componentes da análise contextual. 2.2- Como será feita a análise do texto. 3. Análise Textual. 3.1 - Análise de propaganda. 3.2 - Análise de editorial. 3.3- Análise de comentário de fato público. 3.4 - Análise de crônica. 3.5 - Análise de charge. •Conclusão. •Bibliografia.*

• *Introdução*

Quando estudamos a comunicação entre os seres humanos, vemos que há um campo imenso a ser explorado, tomando como base a leitura de textos das mais diversas origens, pouco praticadas, principalmente em salas de aula por nossos professores.

¹Professor de Língua Latina da URI, *campus* de Frederico Westphalen e UNOESC, *campus* de São Miguel do Oeste-SC. Formado em Letras pela UPF. Pós-graduação em Produção de Textos pela UNOESC.

Normalmente, em nossas escolas, nos atemos em analisar textos literários de difícil entendimento para nossos alunos, esquecendo que as próprias criações escritas de nossos alunos são excelentes fontes de estudo, de leitura e recriação de textos. As propagandas, piadas, anúncios, pequenas histórias e notícias são elementos importantes e de fácil entendimento. O que leva nossos professores a não utilizarem tal material é a total falta de hábito de leitura por parte dos alunos.

Nossos alunos de 1º e 2º Graus, por diversas razões, pouco ou quase nada lêem. A televisão, os vídeos-games, o tudo pronto, criam uma preguiça mental, tornando-os avessos ao esforço interpretativo que a leitura exige. Passa-se a ler superficialmente, não captando a essência, o que está nas entrelinhas, não deduzindo o que está, muitas vezes, por trás de uma imagem feita por palavras. As notícias, as propagandas, as crônicas, os fatos do dia a dia dos jornais nos trazem uma imensa riqueza para aprendermos a aumentarmos o vocabulário e idéias. Se passarmos a fazer esse estudo com nossos alunos, passarão eles a entender melhor o que é dito ou escrito, podendo assim assumir uma postura mais crítica dos fatos que acontecem em seu mundo e no mundo dos outros.

Neste estudo pretendo fazer uma observação detalhada de como o discurso é proferido, a carga emocional, no momento em que ocorre a fala. Tudo isso carrega a linguagem de significação específica, subjetiva, além daquela denotativa, comum dos vocábulos. Deduz-se que é de suma importância um estudo detalhado sobre o significado de palavras, expressões e de recursos semântico-lingüísticos que nos fazem perceber estes aspectos múltiplos nas mais diversas produções escritas da linguagem humana.

Na antiguidade, pensadores, como Aristóteles e gramáticos latinos já tentaram especificar as figuras de pensamento, de construção, de palavras e recursos estilísticos como meios diferentes de expressão. Cabe ressaltar que o significado pode estar na multiplicidade de sentidos que uma palavra pode receber ou as transformações de sentido por parte do leitor depende unicamente do contexto, bem como, das intenções, objetivos, entonações, momento e situação real em que determinado termo é expresso.

Tudo o que foi colocado até aqui são contribuições para tornar a linguagem mais rica e diversificada. Contudo, os enfoques da linguagem estão limitados aos aspectos vocabulares e frasais, bem como à subjetividade do

leitor que, ao ler, atribui aos vocábulos e ao texto o seu próprio sentido. O momento social, o local e o tempo também influem na leitura. E toda uma conjuntura que dá sentido às palavras e ao texto.

Em 1988, Orlandi, com suas teorias, trouxe uma visão maior quanto ao sentido do texto e a variação do sentido das palavras inseridas num determinado contexto. Foi a partir dessa autora que se criou uma metodologia para analisar o significado das palavras nos mais diversos tipos de textos. Queremos mostrar no estudo que o mundo da comunicação, a sociedade, a propaganda, as mais diversas publicações nos obrigam a descobrir os significados dos textos e das palavras no campo da linguagem.

1. *Os lingüistas e a polissemia*

A polissemia abrange complexidades maiores do que as enfocadas por gramáticas tradicionais.

Para isso ser constatado, relacionaremos a síntese de alguns autores sobre o assunto para reunir embasamento teórico e assim criar uma espécie de metodologia para analisar e observar os aspectos polissêmicos de diversos tipos de textos.

1.1. *Exposição de Pierre Guirard em a "Semântica" (1975)*

Segundo o autor, os primeiros semanticistas agruparam as figuras de linguagem em quadros lógicos com descrições mais coerentes e completas, tornando mais lógico o inventário da antiga retórica.

Também este autor diz que a análise semântica apresenta, de fato, novos critérios de classificação e uma nova terminologia, evidenciando os caracteres do processo semântico. Por um lado, a bipolaridade do significante e do significado, por outro, a natureza psico-associativa de suas relações sob a dupla forma: similitude e contiguidade. Do estudo da natureza psico-associativa dessas relações, obteremos a primeira definição semiológica das mudanças de sentido.

Pierre Guirard apresenta uma pesquisa onde semanticistas apresentam a polissemia com terminologias e classificações diversas. Mantém a idéia da bipolaridade dos significantes e significados e associa a mudança dos sentidos à natureza psico-associativa de que as palavras podem estar relacionadas. A partir destes critérios organiza complexos sistemas de explicação de mudanças de sentido e de evolução do sentido das palavras.

Parece-me, contudo, que toda sua teorização da forma semântica das mudanças de sentido está também, no plano vocabular, sem muito acrescentar para uma efetiva compreensão textual incidindo bastante sobre o que já se dizia sobre o aspecto polissêmico por parte dos tradicionalistas.

Por sua vez Bernard Pottier procura caracterizar os níveis em que a polissemia acontece. Destaca os níveis da polissemia lexical que consiste na polissemia a nível dos vocábulos. Polissemia gramatical: estabelece-se o aspecto polissêmico devido à gramática, sobretudo a flexão verbal. Policategoria: os sentidos de diversos vocábulos dependem da classe gramatical que ele ocupa na frase.

Ainda que consiga argumentar e fundamentar os diversos níveis em que a polissemia ocorra, suas teorias não vão além do nível vocabular ou frasal. E ainda, a exemplificação de alguns níveis é limitada o que torna vaga e difícil sua compreensão.

A partir disso surgiram várias teorias sobre o assunto, sendo que as duas mais completas e recentes são as classificações de Stern e de Ullmann, que se basearam em Guirard.

1.1.1. *Classificação de Stern*

O autor distingue as mudanças externas e as mudanças lingüísticas.

As mudanças externas constituem-se na substituição objetiva, cognitiva e subjetiva do referente ou coisa denominada sem mudança de nome, enquanto que as mudanças lingüísticas constituem-se de vários deslocamentos.

Estes deslocamentos acontecem por analogia na identidade de relações entre dois referentes. A analogia combinativa nas formas morfológicas tais como derivação, composição, flexões.

A analogia correlativa ocorre quando se dá ao nome, um nome ligado por sua significação a um outro nome. Na linguagem é o caso dos sinônimos, ou termos parecidos em línguas diferentes. *Ex.: Chuva de pedras.*

Analogia fonética: esta acarreta uma mudança de nome em consequência de similitude fonética. *Ex.: Caminho (substantivo) - Caminho (verbo).*

O deslocamento da relação verbal por encurtamento: encurtamento por truncamento do tipo "auto, cine ...". Encurtamento por elipse ou por omissão de um dos termos de uma expressão composta. *Ex.: fritas, cassete.*

Deslocamento da relação referencial (do sentido).

Este processo abrange a nominação que consiste em dar um novo nome a um conceito. A nominação é intencional quando se forma um novo termo por composição ou derivação. A nominação pode ser intencional e não figurativa na metáforas puramente nocionais do tipo "pé-de-cabra", "bola-de-neve". O processo da relação referencial pode ocorrer por transferência não intencional; consiste na identidade de aparência (uma folha de papel) de função (o leito de um rio) ou de situação (o pé de uma montanha).

Deslocamento da relação subjetiva entre a palavra e os locutores.

O processo da permuta resulta de uma mudança na idéia que o locutor tem do referente, (substitui, por exemplo, a parte pelo todo, "ele está sem teto", sem casa - Metáfora).

A adequação é uma forma particular de permuta, ela se produz quando o espírito apreende uma nova característica do referente.

1.2. *Eni Pulcinelli Orlandi em "A Linguagem e seu Funcionamento" (1988)*

Contudo, na polissemia, quem trouxe aspectos novos, diferentes dos que colocam a polissemia como a possibilidade de palavras terem múltiplos sentidos ou mesmos significados serem expressos por diferentes termos, foi Eni Pulcinelli Orlandi. Ela amplia o aspecto da polissemia a nível vocabular e frasal. Orlandi coloca como polissêmicas todas as possíveis leituras que se possa fazer de um mesmo texto. Ela defende a idéia de que cada leitor constrói sua história de leitura.

A compreensão, o entender de uma determinada leitura varia conforme cada leitor, dependendo da bagagem de conhecimento e vivências que possui, da época em que é escrito e lido, do caráter social do leitor, sua leitura vai ser de acordo com sua classe social e da intertextualidade, das leituras previsíveis, isto é, as opiniões, críticas ou observações existentes sobre a leitura.

Outro aspecto que é fundamental na interpretação de um texto é a noção de sujeito que a autora introduz. Ela desdobra em três níveis de sujeito.

Sujeito de enunciado: corresponde aos sujeitos do enunciado. De quem se fala na frase.

Sujeito da enunciação: seriam os autores do texto.

Sujeito textual: corresponde à significação do texto, às idéias, o tema deduzido do texto como um todo.

Para esta análise dos níveis do sujeito requer-se boa experiência de linguagem de leitor. Quanto maior for a sua capacidade e habilidade em linguagem, maior será a probabilidade de uma análise da noção de sujeito.

Porém, além desta capacidade lingüística faz-se necessário uma visão de mundo que o leitor associa as idéias que lê. Ainda é preciso ter em conta que em cada tipo de texto ou discurso esta função de sujeito varia e tem enfoques diferentes.

Ainda convém citar a idéia de contexto na interpretação de textos. Só que não é possível conceituar em poucas palavras o que seja contexto, pois este se compõe de diversos fatores de difícil delimitação e caracterização. Entre estes fatores a idéia de implícito e explícito, de sentido dominante e a interlocução são as principais. O contexto não é uma noção única. Ele se

estabelece em níveis diferentes, dependendo do tipo de discurso. E cada tipo de discurso que determina a relevância dos fatores de significação.

Ler ainda compreende o lado subjetivo do leitor que não é somente um receptáculo de informações mas um coprodutor do texto. Cada leitor, na sua imaginação, cria sua história, forma seu texto particular quando lê. Ele atribui sentido às palavras e ao texto como um todo, este é o aspecto da leitura polissêmica. Esta dupla concepção de leitura não é algo estanque como repartições. É algo gradativo que varia de intensidade podendo um aspecto prevalecer sobre o outro de acordo com o tipo de discurso, os níveis de sujeito, o grau de inferência, etc.

Em ambas as leituras, polissêmica e prevista, desempenha papel decisivo o conhecimento do leitor, sua experiência de vida, sua habilidade e domínio no campo da linguagem. Os dois aspectos de leitura são fundamentais para a pessoa. E contudo, o objetivo que se tem ao ler que nos leva a frisar mais um tipo do que o outro de leitura.

1.3. *Sirio Possenti*

Junto com Eni Pulcinelli Orlandi, Sirio Possenti defende que o leitor cria a sua leitura, levando em conta certos aspectos do texto, do qual quem lê deve observar a linguagem, pois quem lê deve situar-se na época em que o texto foi produzido. Cada tempo tem sua linguagem, o que chama de fator histórico.

Passando para a análise da linguagem gramatical, defende Possenti; que deve-se fazer uma confrontação com as formas da linguagem padrão. Para concluir deve-se confrontar o texto com aspectos morais e sociais da época em que o texto foi produzido. Se lermos unicamente por ler, não entenderemos o texto e a função da informação ficará prejudicada. Por isso que o leitor é o agente do entendimento do que lê.

2. *Uma metodologia de análise da polissemia contextual*

Toda teorização, em geral, é bastante abstrata, vaga, tem como papel preponderante a fundamentação e o surgimento de idéias e teorias que vão

nortear e objetivar as ações no campo da aplicação ou realização no nível da pragmática.

O agir do ser humano deve, sempre, ter um embasamento teórico sua justificativa para que não seja à toa, dispersivo, vazio. Deve então, existir a complementariedade entre a teorização e a prática (a ação, o concreto).

Com esta visão das coisas tentamos criar, partindo das idéias dos lingüistas, uma metodologia de análise para evidenciar o aspecto polissêmico em textos. É na exposição da Eni Pulcinelli Orlandi e Sirio Possenti que percebemos uma visão bem mais completa que traz uma fundamentação segura do aspecto polissêmico textual, não apenas limitado ao nível frasal ou vocabular. A preocupação dos autores, no que tange ao problema da leitura, é justa. Criticam as deficiências, como procuram apontar soluções para que se chegue a um nível elevado de compreensão do que se lê. Ressaltam, por sua vez, a participação criativa do leitor no processo de leitura. Cada leitor cria a sua história de leitura como produção de leitura. Serão analisados cinco textos: A propaganda, o editorial, comentários de fatos políticos, a crônica e a charge.

2.1. Componentes da Análise Contextual

A seguir vamos relacionar e esquematizar alguns aspectos que compõe a análise contextual, o que utilizaremos na prática deste trabalho.

2.1.1. Fonte

E a publicação onde vamos buscar o texto a ser analisado e se possível seu autor.

2.1.2. Leitor

A quem é dirigida a fonte onde se buscou o texto para análise. Se de uma revista, quem lê esta revista; se um jornal, quem é o leitor desse jornal e assim por diante.

2.1.3. *Texto*

Tipologia do texto. É uma propaganda, uma piada, um conto, uma lenda? Qual?

2.2. *A Análise do texto será feita, levando-se em conta os seguintes aspectos:*

2.2A. *Linguagem do texto*

A linguagem é clara, direta, ambígua? E o retrato de uma época?

2.2.2. *A linguagem e o fator histórico*

E a análise da linguagem no contexto histórico do texto em estudo.

2.2.3. *Linguagem gramatical*

E o confronto da linguagem do texto com as formas da língua padrão.

2.2.4. *Crítica*

E a análise do texto confrontando-o com aspectos morais e sociais da época.

3. *Análise textual*

Chegamos onde nos propusemos: a aplicação prática de uma teoria de análise dos aspectos polissêmicos em textos. Limitaremos o trabalho a alguns tipos de textos. Os livros didáticos, quase sempre, se achem a textos literários com linguagem literária de autores selecionados. Esta é uma linguagem de elite, padronizada. Na maioria das vezes a escola ignora o dia a dia da pessoa, daquilo que a cerca constantemente como a propaganda, anúncios, textos normativos, etc.

Nesse trabalho de análise polissêmica contextual ocupar-nos-emos de textos de propagandas, charges humorísticas, crônicas... por achar que estes tipos de textos apresentam uma linguagem, objetivos, interesses mais próximos do dia a dia da grande maioria das pessoas. O acesso a elas é mais fácil pois uma folha de jornal ou revista chega mais fácil às mãos das pessoas do que os livros. A propaganda está estampada em todas as ruas; os meios de comunicação a apresentam a cada instante. A charge é uma forma predileta para caracterizar certos fatos e pessoas no seu aspecto pitoresco, humorístico, satírico. Ela é muito polissêmica, sua significação e sentido são momentâneos. Passados os dias ou semanas de sua duração sua significação "graça" também passa. E a imagem visual que, às vezes, acompanhada de palavras, que encerram a comunicação. Enquanto a crônica e a anedota possuem o aspecto polissêmico mais inserido em si, no contexto e não tão ligados ao fator lugar, tempo e muitas vezes nem apresentam termos especiais onde esteja centrada a carga polissêmica. As anedotas possuem, normalmente, duplicidade de sentidos, determinados pelo contexto. E é o contexto que lhes determina o aspecto polissêmico.

3.1. Análise de Propaganda

3.1.1. Fonte

Revista Caras, Edição nº 162 - Dezembro de 1996

3.1.2. Leitor:

Revista dirigida à classe média e alta. Principalmente a Novos Ricos. Revista direcionada a pessoas bem sucedidas.

3.1.3. Texto:

Ambíguo, apresenta meias verdades. Propaganda: Fascículo "Coleção Jovem Guarda" - Anexo um CD.

A análise do texto da propaganda será feita levando-se em conta os seguintes aspectos:

MOSTRE PARA O SEU FILHO O QUE É UM "BROTO" QUE QUEM SABE ELE TE EXPLICA O QUE É UMA "MINA".

Se está chegando a hora de ter uma conversa com o seu filho sobre as coisas da vida, passe na banca e troque a conversa por um bom papo-firme: já chegou o Fascículo número 5 da Coleção Jovem Guarda. Lá você vai poder mostrar para ele como eram as garotas do seu tempo.

E não garotas quaisquer: neste Fascículo, tem toda a história da cantora Martinha, que saiu de Minas Gerais para conquistar as paradas e os corações do Brasil. Tem a Ternurinha Wanderléa, em entrevista exclusiva onde ela lembra as famosas festas de arromba no seu apartamento e confessa: "Não quis namorar Erasmo porque já amava Roberto Carlos". E, já que você está mostrando o bom da vida para as crianças, aproveite e mostre o bom da música também: grátis com o Fascículo, um CD com sucessos como "Dá-Me Felicidade", com Wanderléa; "Doce de Coco", com Wanderley Cardoso, e o hit obrigatório de qualquer um que só usa o espelho do carro pra se pentear: "Se Você Pensa", com Roberto Carlos. Tudo isso por um preço de pai pra filho: apenas 9,90.

Coleção Jovem Guarda. O programa ideal para a família toda cair no iê-iê-iê.

ROBERTO CARLOS
JERRY ADRIANI
WANDERLÉA
WANDERLEY CARDOSO
E MUITO MAIS

R\$ 9,90

EDITORA
CARAS



COLEÇÃO JOVEM GUARDA. FASCÍCULO Nº 5 JÁ NAS BANCAS.

1 - Linguagem do texto: linguagem cheia de ambigüidades, que retrata uma época de certinhos com uma época, a atual, de não muitos certos. Analisa comportamentos passados em confronto com comportamentos de agora.

2 - A linguagem e o fator histórico: se analisarmos o slogan introdutório da propaganda, "...o que é um 'broto'... te explica o que é uma 'mina'", o uso de duas palavras em épocas históricas diferentes. Nos anos setenta, "broto" significava "menina bonita". Nos anos noventa é substituída por "mina". É a criação de um novo termo que veio junto com a mudança de comportamento das novas gerações. Mostra que a língua é dinâmica.

Na frase: "Se está chegando a hora de ter uma conversa com seu filho sobre as coisas da vida... troque por um papo-firme". A diferença, aqui estabelecida entre "conversa" e "papo-firme", é de força expressiva entre as gerações. Um significa determinação, energia, retrata uma geração vencedora, a outra, uma geração que precisa se espelhar na do pai se quiser ser vencedora.

A frase: "Lá você pode mostrar.. não garotas quaisquer", o importante aqui é analisarmos o pronome "quaisquer". A propaganda induz o pai a fazer uma comparação entre as garotas de seu tempo e as de agora. E o clássico choque de gerações. O pai, em sua época, era cercado por garotas vencedoras como Martinha e Vanderléia. E o filho, com quem se cerca? De vencedoras ou garotas "quaisquer". Ouça o disco e encontre uma vencedora.

No segmento, "O hit obrigatório ... para se presentear", novamente a oposição de valores. O carro tomado aqui como status. O carro não era para qualquer um; mas para bem comportados e certinhos e não para ser usado em bandalheiras.

Em "...por um preço de pai para filho". A expressão significa barato. Ao mesmo tempo que procura aproximar pai e filho, dá a idéia de que "o que é bom para o pai, o é para o filho".

Finalizando, temos a frase: "O programa ideal... cair no iê, iê, iê". Enfatiza o valor histórico que é a união da família. Procura mostrar que a música dos anos setenta aproxima pais e filhos em oposição à música de hoje que distancia as gerações.

3 - Linguagem gramatical: se levarmos em conta as normas da língua culta, notaremos que no slogan da propaganda há um erro proposital de concordância: "Seu filho...te explica". É uma forma de intimidade, já que na vida é essa a forma que utilizamos.

4 - Crítica: se analisarmos a propaganda sob o aspecto histórico-sociológico, notaremos que é extremamente reacionária. Procura mostrar uma geração comportada, certinha, com valores morais e, principalmente vencedora. Sabemos, na verdade, que se formou uma geração de alienados, reprimidos e com uma estreita visão dos problemas do mundo, com reflexos até nossos dias.

O RODEIO E A BAIANA

A polêmica em torno da realização de um show de Daniela Mercury no Rodeio de Vacaria que começa hoje retoma uma antiga questão cultural, a da singularidade do tradicionalismo gaúcho. Pesquisa do jornal Pioneiro registra em torno de 60% de desaprovação ao show por parte da população serrana. Respeitada a opinião dos que se opõem a uma apresentação de música baiana numa festa associada ao movimento tradicionalista, é preciso aproveitar a oportunidade para rediscutir a tendência excludente que marca uma parte dos grupos que cultivam a herança cultural do Rio Grande.

Num momento da história em que países e regiões procuram integrar-se e associar forças, o isolacionismo não aparece como uma posição saudável. Além do mais, um rodeio é uma festa universal por excelência, cultivada em todas as regiões do planeta onde a pecuária extensiva ocupou ou ocupa uma posição de destaque entre as atividades rurais. Portanto, nada impede a participação eventual de artistas de outros gêneros e de outros locais num rodeio. Aliás, a opinião de boa parcela da população de Vacaria é favorável a presença de Daniela Mercury.

Não seria demais lembrar que o Rio Grande do Sul e suas tradições foram objeto, recentemente, de uma homenagem por parte de uma escola de samba carioca, a Unidos da Vila Isabel. Na ocasião, vários representantes de CTGs, inclusive de Vacaria, foram convidados a desfilar na Marquês de Sapucaí.

*O culto à herança cultural de uma região não precisa excluir outras manifestações. A própria Serra é um exemplo de integração, já que os descendentes de imigrantes adotaram **como** suas as tradições da nova pátria.*

3.2. Análise de Editorial

3.2.1. Fonte:

Jornal Zero Hora - Data: 13-01-98

3.2.2. Leitor:

Os editoriais dos grandes jornais e revistas são lidos geralmente por pessoas de cultura. O leitor tem que ter um conhecimento dos fatos políticos, econômicos e culturais do momento. O editorial retrata a posição do órgão de comunicação frente a um determinado fato. Cabe ao leitor concordar ou discordar dessa posição.

3.2.3. Texto:

Normalmente quem escreve editoriais em grande jornais, são pessoas de renome nos meios de comunicação. Estas detêm a informação e, geralmente escrevem porque sabem que podem exercer influência sobre o leitor. O texto é sempre direto.

A análise será feita levando-se em conta os seguintes aspectos:

1 - Linguagem do texto: a linguagem é correta, direta e rebuscada. Nota-se que o editorialista não se preocupa em atingir o grande público, mas sim atingir formadores de opinião. Há o uso de palavras, não utilizadas corriqueiramente, como: "re-discutir a tendência excludente", "isolacionismo". Podemos dizer que a linguagem está perfeita para o fim proposto.

2 - A **linguagem e o fator histórico**: o que se propõe o autor? Discutir o que nós chamamos de regionalismos acordados. No Rodeio Internacional de Vacaria Daniela Mercury foi convidada a fazer um show. Para os puristas da tradição gaúcha, cultuada nos rodeios, foi considerado um sacrilégio.

Mostra este fato o quanto é grande a diferença cultural e os tipos de cultura existentes no Brasil. O editorial lembra que não cabe rejeição por parte dos tradicionalistas visto que em muitas ocasiões a cultura riograndense foi homenageada pelo Brasil, como no carnaval carioca.

Lembra o editorial que os imigrantes vindos das mais diferentes partes do mundo, acabaram assimilando a cultura local.

Cabe uma observação. A cultura é a identidade de um povo e deve ser cultuada, respeitando-se as culturas alheias.

3 - **Linguagem gramatical**: levando em conta as normas da língua padrão a linguagem está perfeita. Não há retoques a fazer. Há a intercalação de termos, a ordem direta e indireta que fazem a harmonia e a graça do texto.

4 - **Crítica**: se analisarmos o editorial sob o aspecto his-tórico-cultural, veremos quantas são as culturas deferentes no Brasil. Isto é positivo. O que não se pode admitir é usar estas diferenças para se ter a supremacia de uma região sobre a outra. A união de um povo se faz pela luta de um objetivo comum, respeitando-se as desigualdades regionais.

O JURISMATUTO FICOU NA VAGA DO JURISCONSULTO

Um rápido episódio, ocorrido no início do mês, passou indevidamente despercebido. FFHH quis colocar no Ministério da Justiça o advogado Sepúlveda Pertence, então presidente do Supremo Tribunal Federal. Houve uma sondagem, Pertence agradeceu, mas não aceitou. A jornalista Teresa Cruvinel noticiou o fato, e o cavalheiresco silêncio do convidado impediu que prosperassem especulações em torno do assunto.

A vontade de colocar no Ministério da Justiça um jurista competente, batalhador da causa da liberdade revela que algumas certezas relacionadas com a personalidade política de FFHH estão excessivamente generalizadas.

É o caso da teoria da palmeira no gramado. Nela, FFHH prefere trabalhar com uma equipe de ministros anódina. Pertence teria mais tamanho que um pé de grama e não haveria de ser no ministério que perderia sua capacidade de defender idéias próprias.

O episódio abala também a teoria da arrogância do tucanato. Como presidente do Supremo, Pertence foi um leal adversário de diversas posições do governo.

Quem está atrás de unanimidade e de acolitismo intelectual, pode convidá-lo para jantar mas não para governar.

Se Pertence tivesse aceito o ministério, o governo teria mudado um pedaço de sua fisionomia.

A idéia do convite vai para a galeria das oportunidades perdidas. Nela, em 1950, o zagueiro Bigode toma a bola do uruguaio Gighia, o jogo acaba empatado em 1x1, e o Brasil ganha a Copa do Mundo no Maracanã Ou Hitler posterga a invasão da França, o pintor George Matisse chega a Gênova e embarca para Pindorama, onde vive até 1945. Nesse período, teria pintado as Mulatas do Matisse.

Bigode não se mexeu, Matisse voltou a Paris e hoje resta a arquibancada agüentar o jurismatuto iris Rezende no Ministério da justiça,

3.3. Análise de Comentário de Fato Político

3.3.1. Fonte:

Jornal Zero Hora - 25-05-97 - Autor Elio Gaspari

3.3.2. Leitor:

O Jornal Zero Hora é dirigido a uma gama diversa de leitores. Desde aqueles que se interessam unicamente pelo horóscopo até os que se interessam por economia e política. Elio Gaspari é um jornalista com colunas nos mais

importantes jornais do país. É um crítico ferrenho dos desmandos políticos que acontecem na área governamental.

3.3.3. *Texto:*

Está dentro do estilo próprio do jornalista. Usa de figuras e comparações para chegar à verdade que todo o jornalista deve buscar.

A análise do texto do comentário político será feita, levando-se em conta os seguintes aspectos:

1 - Linguagem do texto: a linguagem é própria de comentários que se faz a respeito de um fato. O fato aqui é a troca do ministro no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Usa uma linguagem que tem-se que ir ao dicionário. Ex.: "anódina" que significa "insignificante, medíocre". Há a presença constante de comparações que deixam o texto mais interessante, mas exigem um conhecimento de história.

2 - A linguagem e o fator histórico: todo o episódio político traz consigo uma carga de meias verdades. Nos primeiros dois parágrafos do artigo dá a idéia de que o Sr. Presidente quer colocar no Ministério da Justiça um homem de notável saber e competência. Para isso convida o jurista Sepúlveda Pertence, que não aceita, por ser um homem de idéias próprias, segundo o jornalista.

No terceiro parágrafo está a razão da não aceitação do convite por parte do jurista. O autor diz que o presidente gosta de trabalhar "com uma equipe de ministros anódina". Quer dizer com uma equipe de pessoas insignificantes e medíocres. O Sr. Sepúlveda Pertence não aceitou pois teria que se igualar aos outros e não poderia defender suas próprias idéias; daí a comparação "Pertence teria que ter um tamanho maior que um pé de grama".

Nos dois parágrafos seguintes a linguagem utilizada mostra bem o caráter de independência do convidado. Primeiro dizendo que sempre foi um leal adversário do governo. Segundo que nunca seria um "acólito intelectual". Esta dá a entender que, quem tem idéias próprias e firmes, não pode aceitar em fazer parte de um governo em que os ministros são comparados à grama.

Nos parágrafos finais, o autor, através de comparações, lamenta a não aceitação do convite que teria mudado um pouco a qualidade do ministério. É interessante observar que o autor chama de "a galeria das oportunidades perdidas". Dá algumas: Se o zagueiro Bigode tivesse desarmado o uruguaio Gighia, o Brasil teria ganho a Copa de 1950.

Se Hitler tivesse atrasado a invasão da França em 1939, Matisse teria tido tempo para fugir e quem sabe se refugiaria no Brasil e pintaria Mulatas. Mas nada disso aconteceu. O autor conclui o texto lamentando que em vez de um juriconsulto, temos hoje no Ministério da Justiça, um jurismatuto que faz juz ao tipo de Ministério desejado pelo governo.

3 - Linguagem gramatical: o texto prima pela correção gramatical. O que o torna um pouco difícil para os poucos conhecedores do português acadêmico é o uso de palavras exóticas como "anódina" e "acolitismo" e o uso um pouco exagerado das comparações.

4 - Críticas: o texto mostra exatamente como são nossos políticos e governantes. Nosso Presidente reinando como um imperador, rodeado por homens de duvidoso saber e intelectualidade. A isso se contrapõe o homem de saber que não aceita fazer parte de uma equipe assim para não se tornar também um medíocre.

BOZÃO

O time entrou no vestiário de cabeça baixa, com o técnico gritando atrás deles, chamando todos de moles, de deitados, de mulheres e de coisa pior. Zero a zero contra um time de merda daqueles, eles não tinham vergonha? Ninguém estava seguindo suas instruções. Ele fazia preleção para quê? Só para ouvir a própria voz? No segundo tempo tinha que ser diferente. Ou eles ganhavam aquele jogo ou iam ver. O técnico não especificou o que eles iam ver, mas boa coisa não seria.

Bozão chamou o Paulo Marvão para o seu lado. Não chamou pelo nome Disse "ei garoto". Achava graça daqueles jogadores que já subiam dos juvenis com dois nomes. Ele ainda era do tempo do apelido. Nome era coisa que se deixava no vestiário, com a cueca e a carteira. No campo ele era o Bozão. Em 20 anos de futebol, ninguém nunca o chamara de Amílcar. Muito menos de Amílcar Sobe. E aqueles garotos já estreavam nos titulares com nome e sobrenome. Chamou "ei garoto".

Paulo Marvão sentou ao lado do Bozão. Era a primeira vez em que se falavam. Assim, só os dois. Bozão era o craque do time. Mas estava ficando velho. Paulo Marvão estava sendo preparado para substituí-lo no centro do ataque. Mais dia, menos dia. Estava estraçalhando nos treinos. Aquela era o seu primeiro jogo entre os titulares.

- *Vem mais pro meio - disse Bozão.*
- *Vamo entra tabelando.*
- *O homem quer que eu jogue aberto. Mas o homem...*
- *Esquece o homem. Você acha que alguém ouve o que ele diz?*
- *Técnico não ganha jogo. Olha o que ganha jogo.*

Mostrou as cicatrizes nas pernas. Querendo dizer que experiência ganha jogo. Que boieiro ganha jogo. Não técnico. Não quadro negro.

- *Vai por mim.*
- *Sei não.*
- *Olha aqui...*

Bozão baixou mais a voz. Continuou.

- *Você acha que eu durei tanto no futebol ouvindo técnico? Posso te ensinar muito mais do que ele. Comigo você vai aprender como jogar 20 anos.*
- *Tá bom.*
- *Eu estou sozinho no meio. Não me deixe sozinho.*
- *O homem vai estrilá.*
- *Que estrilá. Amanhã ele sai e a gente continua. Se perder hoje, ele sai mesmo. Vamos ganhar por ele também.*
- *Tá bom.*

Antes de voltarem para o campo, Bozão apertou o braço de Paulo Marvão e repetiu:

- *Não me deixe sozinho!*

O jogo terminou zero a zero mas, apesar do empate com um time de merda, o técnico não caiu. Foi prestigiado e ficou. Botou a culpa pelo insucesso na indisciplina tática. Não citou jogadores, mas, para os dirigentes, disse que o Paulo Marvão não estava mais nos seus planos. Era bom, mas não servia. Não seguia instruções. Passara todo o segundo tempo ignorando seus gritos para sair do

meio e jogar aberto. Não servia. O Bozão, com toda a sua idade, continuaria como centro-avante titular.

Paulo Marvão não agradeceu a Bozão. Naquele dia tinha aprendido como durar 20 anos de futebol, mas só anos mais tarde se daria conta, e provavelmente sorriria.

3.4. Análise de uma Crônica

3.4.1. Fonte:

Jornal Zero Hora - 17-08-97 - Autor Luís Fernando Veríssimo

3.4.2. Leitor:

No Brasil o jornal ainda é utilizado como fonte de informação por cerca de 20% da população. A crônica retrata, em forma de estória, fatos do cotidiano, numa linguagem simples e direta. Luís Fernando Veríssimo é mestre nesta tipologia textual. Sabe observar como ninguém os fatos do dia a dia e dar-lhe um tom de ironia.

3.4.3. Texto:

De fácil leitura, entremeado de linguajar e expressões populares. Linguagem fácil e fluente. Diálogos curtos.

A análise da crônica será feita, levando-se em conta os seguintes aspectos.

1 - Linguagem do texto: linguagem direta, retratando o ambiente de um vestiário de um Campo de Futebol do interior. A linguagem colocada na boca dos personagens é aquela usada no dia a dia, sem a preocupação com regras gramaticais.

2 - A linguagem e o fator histórico: partindo do próprio título da crônica, vemos que o apelido do jogador já tem uma conotação pejorativa. O

adjetivo "bá" que significa "bobo atrasado" dá "bozão" que nada mais é que "bobalhão".

No primeiro parágrafo, os jogadores e técnico entram no vestiário e este utiliza o vocabulário mais chulo que existe: "chamando todos eles de moles, de deitados, de mulheres..." ou "... um time de merda". A linguagem é direta e de nenhuma delicadeza. O autor, também por intermédio da palavra pode retratar fielmente um ambiente.

Do segundo parágrafo em diante, entram em cena dois personagens importantes da crônica: o Bozão e o Paulo Marvão. O primeiro, homem tarimbado e vivido; o segundo, um rapaz inexperiente e indeciso, procurando agradar ao técnico e ao companheiro. O autor procede primeiro, uma descrição dos dois e após inicia um diálogo. Neste nota-se o papel da palavra no convencimento:

"- Vai por mim.

- Não sei.

- Olha aqui..."

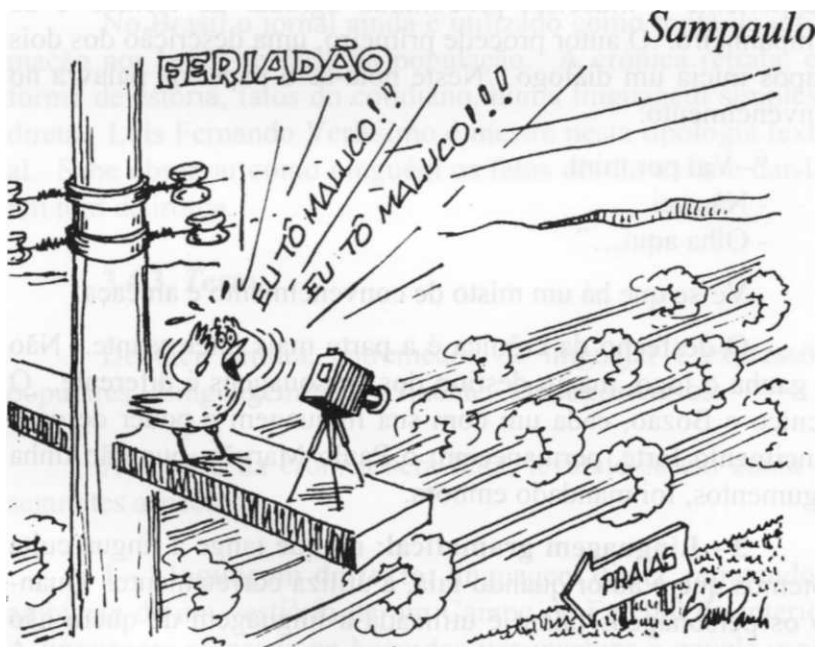
Vê-se que há um misto de convencimento e ameaça.

O desfecho da crônica é a parte mais interessante. Não se ganha o jogo, mas o destino dos personagens é diferente. O técnico e Bozão, cada um com sua linguagem e poder de convencimento forte, permanecem; o Paulo Marvão, que não tinha argumentos, foi mandado embora.

3 - Linguagem gramatical: no que tange a língua culta notemos que o autor quando fala, a utiliza corretamente. Quando os personagens falam é utilizada a linguagem de quem não tem conhecimento da língua padrão. Interessante observar que um dos erros comuns do sul está presente: "Posso te ensinar. ..você vai aprender...". É o clássico erro de concordância. A crônica é interessante por apresentar esse duplo jogo. A linguagem do autor é um contraste com a linguagem dos personagens.

4 - Crítica: claro que quando um autor escreve uma obra, ele cria ambiente, fatos e personagens. Coloca em seus diálogos o modo de falar de cada um. Mas veja bem: se olharmos sob o ponto de vista da educação e do domínio da língua, quanto ainda temos a fazer.

3.5. Análise de charge



3.5.1. Fonte:

Jornal Zero Hora - 31-01-98

3.5.2. Leitor:

Os jornais de grande penetração costumam ter seus char-gistas. O fato retratado é o do momento. Para se entender a charge é necessário que se tenha conhecimento do fato criticado, caso contrário não se entenderá nada.

3.5.3. Texto:

Na charge quase não há ou, às vezes, não há texto algum. Nas poucas palavras que possam existir, utiliza-se o linguajar correto e expressões populares em voga.

A análise será feita levando-se em conta os seguintes aspectos:

1 - A linguagem do texto: podemos aqui dividir a linguagem em duas partes: A primeira, fotográfica que fala mais. E a correria dos carros, é o pardal apavorado, não conseguindo fotografar todos os carros que desrespeitam a nova lei do trânsito. Aqui o pássaro pardal é a figura do aparelho eletrônico de controle de trânsito, apelidado de "pardal". A segunda parte, a linguagem escrita que corresponde a uma expressão em moda hoje.

2 - A linguagem e o fator histórico: é sabido que nas férias ou feriadões, um grande número de brasileiros que moram em cidades, deslocam-se para as praias ou serras. E como uma espécie de fobia. Todo mundo corre para chegar primeiro, mais rápido e conseguir um bom lugar. É também sabido que o brasileiro não é um bom observador de leis e regras. Por isso criaram-se os controladores eletrônicos que fotografam os infratores. A figura mostra um desses aparelhos, representado por um pardal, completamente maluco, gritando: "Eu tô maluco!!", expressão em voga entre as torcidas e "galeras" que freqüentam shows e jogos. A charge retrata tudo com muita perspicácia.

3 - A linguagem gramatical: claro que se formos analisar sob o aspecto de língua padrão, a frase "eu tô maluco!" há impropriedade. Mas a charge perderia o seu efeito, em parte, se o autor escrevesse "eu estou maluco!". Ele optou por uma linguagem popular em uso e por uma expressão da época.

5 - Crítica: nada há a dizer contra. A própria charge é uma crítica ao desrespeito que o brasileiro tem com as instituições, leis e obrigações que lhe cabe preservar e obedecer.

• *Conclusão*

No universo da comunicação existem inúmeros processos, códigos, sistemas, porém no conjunto da comunicação humana existe um processo, relativamente antigo, que permite relação e aproximação entre os humanos, que os distingue dos outros seres, como superiores, com inteligência e razão. Este processo é a linguagem, a faculdade de articulações, convencionar sons e sinais atribuindo-lhes conceitos e valores com os quais pode manifestar expressando suas idéias, intenções, necessidades.

A linguagem, contudo, não é algo acabado, estático, que uma vez elaborada ou convencionada sirva como servem a maioria dos utensílios. Ela é algo que está associada ao homem, com ele cresce, evolui, se adapta, se modifica conforme as modificações e evoluções a que o homem está sujeito.

Um destes aspectos da linguagem é a polissemia, a possibilidade de múltiplos significados de uma única palavra ou os mais variados sentidos e significados de qualquer vocábulo pode assumir dependendo do contexto situacional da fala.

Foi, ao realizar este trabalho, que percebi que os freqüentes problemas de compreensão do que se lê, da dificuldade de comunicação que as pessoas enfrentam, decorre, em parte, da dificuldade de captar a significação mais velada, subentendida, provocada por recursos como a ambigüidade, a elipse a duplicidade de sentidos, a gíria, os arcaísmos, os neologismos.

Enquanto que tradicionalmente a polissemia apenas era referida aos níveis vocabular e frasal, admitia-se a multiplicidade de sentido do léxico e as figuras de linguagem eram e são apontadas como os recursos mais evidentes da polissemia.

Os lingüistas atuais acham esta visão muito limitada e sentem que a significação varia e depende de outros inúmeros fatores e tentam teorizar, organizar essas inferências que modificam ou acrescem significação à linguagem. Infelizmente a bibliografia, no que tange a polissemia é muito escassa. Apenas um ou outro lingüista dedica-lhe alguns capítulos ou a tratam concomitantemente com outros aspectos da linguagem.

Mas já é possível encontrar estudiosos que conseguem avançar, dar um passo além e consideram polissêmicas as diferentes leituras feitas de um mesmo texto. Cada leitor compreende e imagina sua história que é diferente da dos outros leitores. A significação de um texto e mesmo o significado a ele atribuído, dependem da bagagem de conhecimentos que o leitor possui, do caráter social do leitor, da época e lugar em que é escrito e lido, da intertextualidade, das leituras previstas, e da ampla abrangência que é feita da idéia de contexto situacional da fala.

Resumindo, poderíamos repetir o que Eni Orlandi conclui sobre as condições de compreensão de um texto que se constitui na leitura parafrástica e leitura polissêmica.

Com o intuito de tornar o trabalho mais concreto, isso é, não apenas na exposição teórica, tentei criar uma espécie de metodologia baseada nas teorias dos lingüistas, uma espécie de roteiro que auxilie na interpretação de textos, cuja finalidade é evidenciar aspectos polissêmicos.

A escolha e seleção do material de trabalho recaiu em certos tipos de textos por achar que seu conteúdo, sua linguagem são pouco lembrados no âmbito escolar, pois o que se observa é que a escola trabalha preferencialmente, na atividade de leitura, textos, livros com linguagem literária. E notório que as pessoas estão, no seu cotidiano, envolvidos com os mais variados tipos de leituras, que, também, merecem mais atenção. Talvez esteja aqui muitas causas da diminuição da influência da escola na vida das pessoas.

• *Bibliografia*

1. BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Unicamp, 1991.
2. GERALDI, Wanderley. **Tópico, comentário e orientação argumentativa**. São Paulo: IEL, UNICAMP, 1981.

3. ILARI, Rodolfo, GERALDI, João Vanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.
4. LUFT, Celso Pedro. **Novo manual de português: Gramática, guia ortográfico, redação, literatura, textos e testes**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Globo, 1988.
5. MEDEIROS, João Bosco. **Técnicas de redação**. São Paulo: Atlas, 1996.
6. ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
7. _____. **Discursos e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.
8. POSSENTI, Sírio. **Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, 1990.
9. _____. Polígrafos e anotações sobre as aulas de análise do discurso. **Curso de Pós-Graduação "Lato-Sensu" - Produção de Textos**: UNOESC, 1997.
10. SITYA, Celestina V. Moraes. **A lingüística textual e a análise do discurso. Uma abordagem interdisciplinar**. Frederico Westphalen: URI, 1995.